

# AUGUSTO SOBRAL

## TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

BIBLIOTECA DE AUTORES  
PORTUGUESES



821.134.3  
SOB,A

# AUGUSTO SOBRAL TEATRO

Prefácio de SEBASTIANA FADDA

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

## O TEATRO E OS SEUS MÚLTIPLOS

*Acidentado mas não acidental, o percurso dramático de Augusto Sobral (Lisboa, 14 de Março de 1933) consegue cativar a atenção que merece e adquirir a devida consistência quando considerado no seu conjunto. Parco em produzir, mas não em facultar obras cujo denominador comum é o rigor da construção e a eficácia do diálogo, elementos que constituem urdidura e trama dum pano cuidadosamente tecido, desde o princípio o autor demonstra uma sagaz ironia que, nos textos mais maduros, não desdenha o sarcasmo nem ignora as questões cruciais do tempo em que vive. A seu respeito, é legítimo falar num teatro em que o palco se torna lugar de debate de ideias, porque as ideias, de forma lógica e aberta ou alegórica e subtilmente, é no palco que se materializam. Teatro de ideias, por conseguinte também teatro da palavra, palavras que impelem a pensar ou repensar sobre o homem e a sua natureza, sobre o homem e os mundos que pode ou não edificar, sem dispensar os aspectos lúdicos do género em questão.*

*Pensar e abrir o pensamento para outras vivências ou perspectivas de pensamentos sempre acrescenta algo ao património cognitivo e experiencial já adquirido. Todos sabemos da importância de, quando necessário, deixar de pensar. Mas para isso é preciso ter pensado antes e, seria desejável, no maior número de direcções possíveis.*

*É provável que nessa fórmula resida a chave para entendermos uma atitude quase de camaleão numa opera omnia como a que o dramaturgo tem proposto até hoje, diversificada, refractária a catalogações sistemáticas, a uma leviana aposição de etiquetas, a convenções que não sejam as teatrais.*

*Sete peças já publicadas* — Consultório (1961), O Borrão (1962), Os Degraus (1964), Quem Matou Alfredo Mann? (1981), Memórias de Uma Mulher Fatal (1982), Bela-Calígula (1987), Abel Abel (1992) — *mais duas inéditas* — D. Sebastião (1957) e Dialogue des Arcanes (1999) — *constituem o corpus deste volume e é consoante a ordem cronológica da sua redacção que serão abordadas.*

*São preteridos vários textos: Madalena (1953), omisso por ser considerado pelo autor um fruto incipiente desprovido de virtudes específicas, a não ser as que podem ter os meros exercícios; Le Cotillon des Galants (1970), Os Macacões (1977) e O Caso da Mãozinha Misteriosa (1978), excluídos por pertencerem ao género do teatro musicado e já não existir a partitura que completou os espectáculos a que deram origem, portanto por ser injustificado incluí-los mutilados de uma parte tão essencial quanto os diálogos. No que diz respeito aos últimos dois, acrescenta-se a razão de resultarem de uma redacção em parceria com o poeta José Carlos Ary dos Santos e de contribuições de Rui Mendes à estrutura do texto de 1978.*

*Conforme consta do seu curriculum artístico, Augusto Sobral manifesta um vivo e precoce interesse pelo teatro desde o começo dos anos 40, quando recorta as caricaturas teatrais que aparecem na imprensa periódica da época para as animar e inventar histórias. Não deixa de ser singular o facto de partilhar este jogo infantil com um colega que viria a ser outro homem de teatro, o crítico e encenador Fernando Midões, que, por sua vez, faria parte dos impulsionadores do Grupo Cénico da Associação dos Estudantes da Faculdade de Direito nos finais dos anos 50. Mas se para Augusto Sobral a actividade profissional o levaria a percorrer outro rumo, a vocação iria incentivá-lo a cultivar diferentes formas de expressão criativa.*

*Já a partir de 1949 organiza exposições colectivas de pintura e desenho, onde expõe obras de sua autoria, e nos anos 50, jovem estudante da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, cujo curso de Arquitectura acabará em 1963 com o estudo de um espaço cénico polivalente para vários tipos de espectáculo, ingressa como actor no Teatro Universitário de Lisboa (mais exactamente em 1956 e sob a direcção de Fernando Amado).*

*Cedo se aventura nas primeiras tentativas de escrita dramática e à já mencionada Madalena <sup>1</sup> seguem-se os três actos*

---

<sup>1</sup> Curiosa coincidência, um outro colega e amigo de Augusto Sobral, Jaime Salazar Sampaio, redigiu também uma *Magdalena* (1984) desconhecendo a existência da antecessora, que no entanto caíra no esquecimento.

de D. Sebastião, igualmente assumidos como exercício, em que é retratada a atmosfera na corte do rei e a sua amizade com o velho conselheiro Martim Vaz enquanto decorrem os preparativos para a aventura de Alcácer-Quibir. O texto salienta os dotes do autor para a eloquência e a afabulação verbal e, apesar de ainda se encontrar reduzida a parte relativa às didascálias, deixa aflorar um sentido cénico já seguro, aqui sujeito a um certo barroquismo das réplicas, que atrofiam os gestos enfáticos ou as leves movimentações no palco para privilegiarem a palavra num enredo quase inexistente. O movimento vem das circunlocações do pensamento convertidas em falas: encontramos já perante o assinalado teatro de ideias, que mais tarde será também teatro de acção, característico de toda a obra de Augusto Sobral. Quanto ao tema focado, emblema de uma situação de expectativa e de refúgio no mito perante a frustração da realização individual e colectiva, postura que tem vindo a conotar uma das atitudes crónicas do povo lusitano a partir do lento declínio do antigo império e tem alimentado o enfraquecimento da sua identidade, insere-se numa das vertentes fecundas da produção dramática nacional, nem sempre crítica mas também nem sempre acéfala.

António Manuel Couto Viana, num breve ensaio de 1989<sup>2</sup>, detecta a presença do mito sebástico na dramaturgia portuguesa e internacional. Entre as peças nacionais por ele enumeradas, destacam-se: *Frei Luís de Sousa* (1843), de Almeida Garrett, tragédia em três actos onde a apropriação do mito é efectuada numa leitura demolidora e dúplice, de forma explícita quando se evoca o regresso do rei, de forma simbólica e por interposta pessoa por ser mediada pela figura de D. João de Portugal; *O Rei de Sempre* (1914), de António Patrício, que já no subtítulo «*Tragédia Nossa*», planeada em cinco actos mas incompleta, remete para o universo referencial gerador do mito desenvolvendo em três fases — os preparativos, a batalha e a negação da realidade — as ambições frustradas da mística expansionista; *Cavalgada nas Nuvens* (1915), de Carlos Selva-gem, drama em um acto que vira a derrota no seu oposto no relato da batalha feito pelo sobrevivido Rui Vaz ao pai moribundo a fim de manter intacto o seu ideal de grandeza do

---

<sup>2</sup> Cf. António Manuel Couto Viana, «O Rei D. Sebastião na Dramaturgia», in *Escavações de Superfície — Estudos e Memórias*, Lisboa, Universitária Editora, 1995, pp. 343-374.